

A Borboleta

Lá vai ela, lá vai ela
A borboleta no ar
Lá vai ela como é bela
Lá vai ela, lá vai ela
É uma flor a voar.

B. N. D.
BIBLIOTECA

JORNAL DA ESCOLA DE AREIAS DE VILAR

BARCELOS

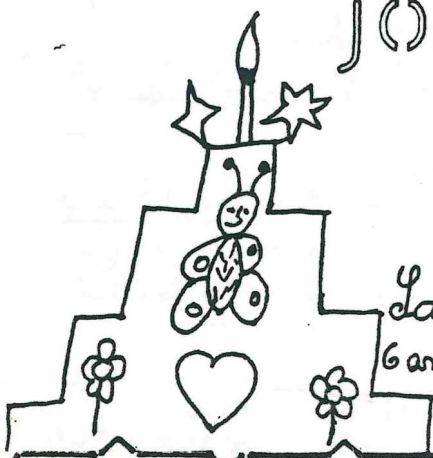
Nº 4

DEZEMBRO

1990

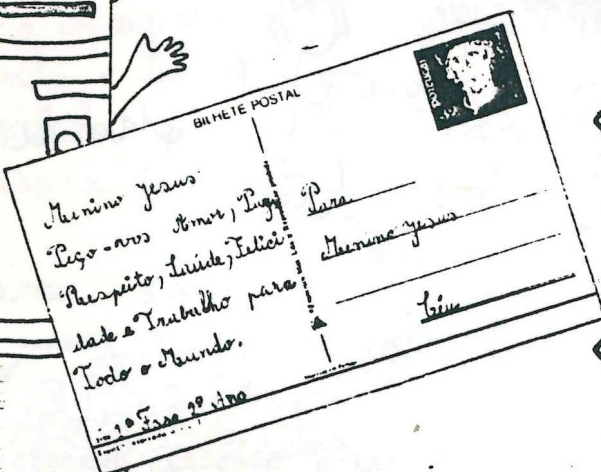
1º Aniversário do nosso

jornal



Lara
6 anos 1º Ano

Postal para o Menino



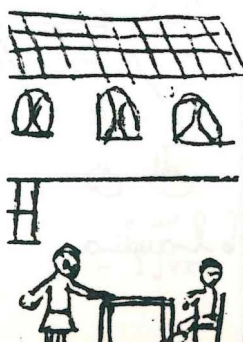
O analfabetismo

No nosso país há muitos analfabetos, principalmente nas regiões de interior, onde os acessos são piores e as condições de vida precárias. Antigamente só ia à escola quem queria, mas agora é obrigatório fazer o sexto ano. Quem não estuda não é ninguém na vida, pois não consegue arranjar um bom emprego. Isto que sirva de exemplo para todas as crianças da escola: saber ler e escrever é muito bonito. Ser analfabeto é muito feio e desagradável.



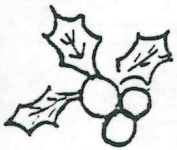
Trabalho colectivo-4ºano

Ilustração de José António



NATAL

A manjedoura tão pobre,
O Deus menino nasceu...
De mais modesto ao mais nobre
A Doca - clova correu!

Naquela noite formosa
O mundo se transformou!
... Uma estrela milagrosa
Os peregrinos quis...


Ele seu berço de palhinhas
Menino - agerou ditado,
Entre as ervas e as palhinhas,
Por todos foi adorado...


Os pastores O visitaram
Levando-lhe os seus presentes,
Esta homenagem prestaram,
Sem alegres e contentes.

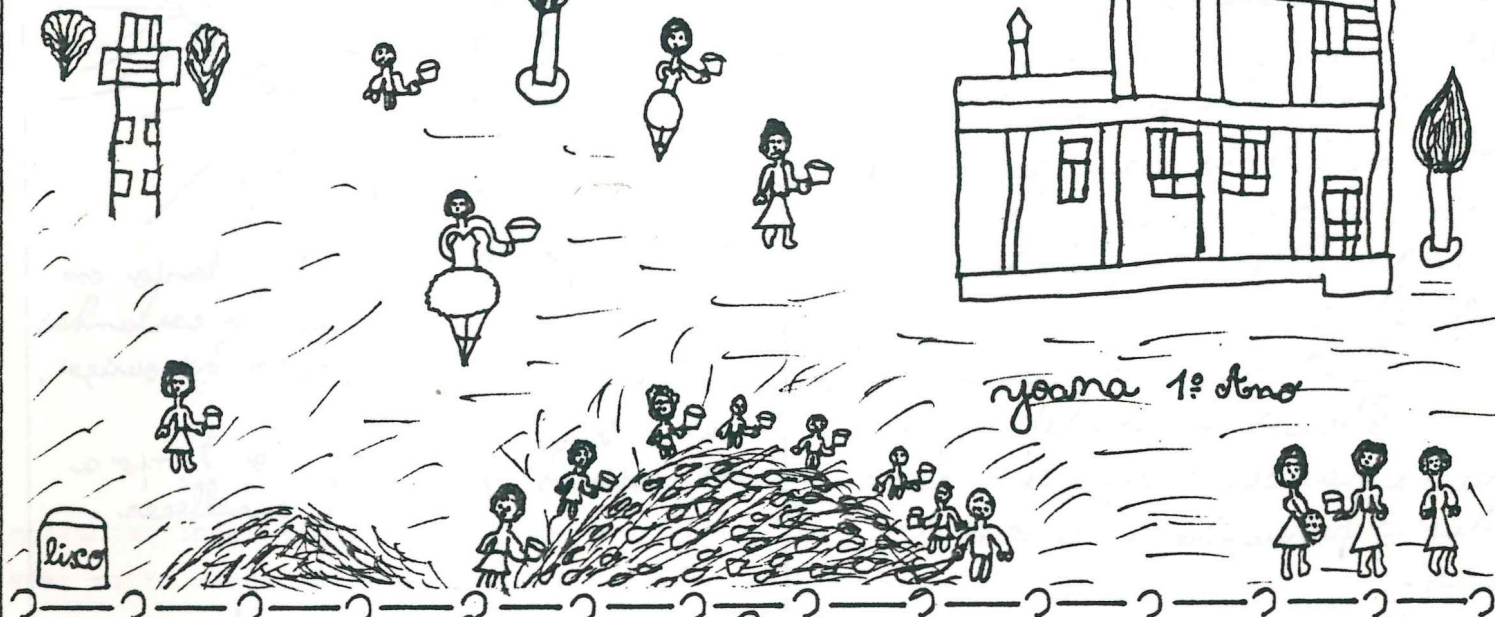
Feis Magos se ajoelham
Em humilde admiração
Um tesouro lhe ofertaram,
Com pensar e devoção.


O Apóstolo de Bem
Foi Jesus Cristo, mais tarde,
Exorcizado também
Liberador da Humanidade.

O Natal é das crianças



O nosso magusto



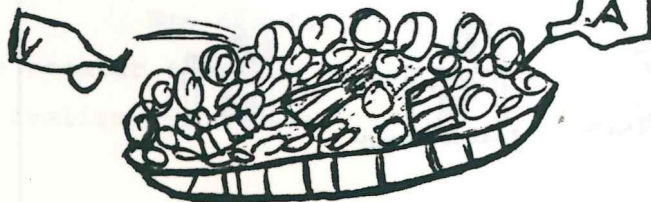
Joana 1º Ano

CULINÁRIA

BACALHAU NA COUVE COM BATATAS A MURRO

Passam-se no forno batatas novas, das mais pequenas, com a pele. Bem demolhadas, o bacalhau é embrulhado numa folha de couve e vai a assar, até a couve tostar. Depois a festa coloca-se num prato de barro vermelho, rodeado pelas batatas, quebradas a murro. Rega-se com molho cru de azeite, vinagre, alho, sal e pimento. Leve-se engastado com cebola partida às rodelas, azeitonas e pimentos assados.

Lusana - 8 anos - 3º Ano.



FILHÓS

Farinha — 0,5 kg
 Fermento de padeiro — 20g
 Leite tépido — 2,5 dl
 Aguardente — 1/2 cálice
 Sumo de laranja, rumo de — 1
 Ovos — 2
 Azeite quente — 1/2 c. de sopa
 Sal fino — q. b.

Fazem-se num alguidar a farinha e o fermento desfeito no leite, a aguardente, o sumo de laranja, os ovos, o azeite e o sal. Mistura-se tudo, tapa-se com um pano, abafa-se com um cobertor e deixa-se levar até dobrar de volume. Tritam-se as colheçadeiras, em óleo quente, e põem-se a escrever sobre papéis absorventes. Depois de pios porilharem-se com canela e açúcar.

Lânia - 4-4

Adivinhas

- 1ª - mãe
- 2ª - livo

4 Lenda de S. Martinho

Há muitos anos um soldado romano, que andava a cavalo a fazer a ronda, encontrou um velho pobre quase nu. O dia estava chuvoso e frio.

Martinho que era bondoso como não tinha nada que lhe dar, cortou a capa ao meio com a espada. Deu-lhe metade da capa para ele se cobrir.

Continuou o seu caminho. Poucos metros depois, a chuva parou e veio um sol radioso parecendo a bênção de Deus.

Todos os anos, nessa época, vêm uns dias de sol, que o povo chama Verão de S. Martinho.

No dia 11 de novembro, dia de S. Martinho, por toda a lado se fazem magustos para se festejar.

Octávio - 11 anos - 4º Ano



Paulo Jorge - 10 anos - 4º Ano

Outono - que linda estação!



1º o tempo das vindimas,

2º o tempo em que as castanhas caem dos ramos,

3º o tempo dos magustos,

4º o tempo a envelhecer.

Joana 1º fase 2º ano

Escola é tudo isto:

Le digo **E** é educação,
 Le digo **S** é saudade,
 Le digo **C** é colaboração,
 Le digo **O** é opinião,
 Le digo **L** é liberdade,
 Le digo **A** é amor, Alegria e Amizade.

Orlando, 1º fase 2º ano

$$1 + 2 = 3 \quad \begin{array}{r} 1 \\ + 2 \\ \hline 3 \end{array}$$



Heber 1ª fase 2º ano



CONTO

História dum feiticeiro, duma pastora e dum alpinista

Era uma vez uma montanha.

Era uma vez, na montanha, uma gruta.

Era uma vez, dentro da gruta, um feiticeiro muito mau.

Era uma vez, na encosta da montanha, uma pastora que guardava cabrinhas.

Era uma vez um alpinista que resolveu escalar a montanha.

A montanha era alta e negra, com grandes ladeiras escarpadas, desfiladeiros e gargantas onde espumavam rios sombrios e revoltos. Mas também tinha lombas cobertas de erva muito verde, e picos agudos, sempre brancos de neve.

Num vale tenebroso, toldado de névoas, abria-se a gruta. A gruta era escura e misteriosa, não se lhe sabia o fundo, mas a abertura, tapada de estalactites, não convidava a entrar.

O feiticeiro era alto como uma torre, direito como um pinheiro; as longas barbas negras, em anéis, caíam-lhe até ao peito; uma capa de estaménha cobria-o de alto a baixo. Saía pouco da gruta, mas sabia atrair as tempestades de neve e as pestes que dizimavam os rebanhos.

Numa das encostas cobertas de erva, a pastora tinha a sua cabana. A pastora era nova e bonita. As tranças loiras como espigas formavam-lhe um diadema ao alto da testa. Usava saia preta com muita roda, corpete vermelho e camisa branca; pela cabeça, um capuz de burel. Fiava na roca e fazia queijos; guardava o seu rebanho de cabrinhas; tinha medo do feiticeiro e cantava cantigas para não se sentir tão só. Às vezes apanhava rosas silvestres e fazia grinaldas que punha ao pescoço das cabrinhas.

O alpinista não era da montanha; chegou certa manhã, com um pau ferrado e um molho de cordas na mochila, às costas. Era novo e tinha os cabelos encaracolados. Trazia um gorro de lã, umas luvas felpudas e umas botas. Não tinha medo do feiticeiro, porque nem sequer sabia que ele existia. O seu guia de turismo (sabem o que é um guia de turismo? Um livro que explica aos viajantes, tal e tal, os sítios bonitos por onde eles vão passando, em que século se construiu esta igreja, qual o melhor hotel desta cidade e por aí fora...) dizia assim:

"Montanha de Neve Eterna; cinco mil metros de altitude, fontes de água mineral, nascentes do rio Sem-Fim, etc."

Mas não falava de nenhum feiticeiro. E o alpinista ia muito contente, na ideia de escalar todas as rochas, de se pendurar em todos os picos, de descer todos os vales, a deslizar pela neve.

E agora que já conhecem as personagens da história, vamos a ela.

Era uma linda manhã de Inverno, azul e fria. A pastora estava sentada à porta da sua cabana, com a roca entalada nos joelhos, fiando e cantando. O terrível feiticeiro dormia ainda, no fundo escuro da terrível gruta. O alegre alpinista vinha a subir a montanha, e a assobiar entre dentes, muito bem disposto. De repente, o alegre alpinista ouviu cantar; deixou de assobiar e pôs-se à escuta: era uma voz de rapariga, fresca e doce:

"Ó águas serenas

Do rio Sem-Fim

Levai estas penas..."

O alegre alpinista olhou em volta: a encosta subia, à sua frente, verde e lisa erguia-se uma colina. O alpinista correu, saltou a colina, achou-se do outro lado. E então viu a cabana, e as cabrinhas que pastavam, e a rapariga sentada à porta, fiando na sua roca. Era a pastora quem cantava. O alpinista desceu lentamente a colina, atravessou o prado por entre as cabrinhas que deixavam de pastar e o olhavam admiradas; a pastora ouviu os seus passos, levantou a cabeça e parou de fiar.

_ Menina - começou o alpinista -, eu desejava saber qual é o caminho melhor para as nascentes do rio Sem-Fim...

_ O senhor não é de cá da terra, pois não? - perguntou a pastora, pousando a roca.

E o alpinista disse que não, que não era.

_ Pois logo se vê pela pergunta... A nascente do rio é numa gruta, lá para o norte, para além... -e a pastora apontava. _ Mas não é lugar onde se vá.

_ Porquê? -perguntou o alpinista.

_ Ora! -disse a pastora. -É muito longe e mau caminho.

_ Isso é que é bom -tornou o alpinista.

_ Bom? Porquê? -estranhou a pastora.

_ Porque eu sou alpinista e gosto de ir aos sítios onde ninguém vai.

_ O que é um "alpinista"? -perguntou a pastora.

_ É um homem assim como eu, que anda a pendurar-se pelas montanhas, para chegar aos pontos mais bonitos, donde se vê muita terra.

_ Lá de cima, do pico mais alto, vê-se o mundo todo... -disse a pastora.

_ E é lá que nasce o rio Sem-Fim?

_ Não! O rio Sem-Fim nasce num vale, o Vale das Névoas, numa gruta, a Gruta Negra... Não pense em lá ir, senhor alpinista...

_ Mas eu tenho de ir lá! -exclamou o viajante. _ Vir à Montanha da Neve Eterna e não ver a nascente do rio Sem-Fim é uma coisa sem pés nem cabeça!

_ Se o senhor lá vai, nunca mais volta! -gritou a pastora, muito aflita. _ É que vive lá um feiticeiro, a pior peste que há na vida! E ele, se o senhor lá vai, mata-o com certeza! Não pense nisso, senhor alpinista!

O alpinista deixara de rir:

_ Um feiticeiro? Não pode ser! Não vem cá nada, no guia de turismo! -e pôs-se a folhear o livrinho por todos os lados. -"Montanha da Neve Eterna, cinco mil metros de

altitude, fontes de água mineral, nascentes do rio Sem-Fim..." Não diz nada de feiticeiros... Tem a certeza de que não se enganou?

Palavras não eram ditas, viram o céu cobrir-se de nuvens; um vento fortíssimo começou a soprar e, sem saber como, o alpinista foi arrastado, levado aos tranbolhões, atirado pelas serranias abaixo. O pau e as cordas ficaram caídos na erva do prado. A pastora correu, numa aflição: só teve tempo de guardar o rebanho no redil, e de se recolher, toda trémula, à sua cabana. Já a neve começava a cair, chicoteada pelo vento. E toda a tarde e toda a noite a pastora ficou na choupana, chorando a sorte daquele alpinista tão novo e tão alegre, que o feiticeiro da gruta arrebatara.

Entretanto, levado aos tranbolhões pelas serranias a baixo, o pobre alpinista acabou por cair num grande vale cheio de névoa, tão estreito e tão alto, que lá em cima só se via uma nesga de céu cinzento. O vento amainara, mas a neve caía, caía, caía.. Ainda não tinham acabado os trabalhos do alpinista; quando ele se ia a por de vé, sacudindo nas mãos o seu gorro felpudo, que ao rebular se sujara na terra, um homem alto e enorme, com a longa barba em anéis encrespados, saiu duma gruta aberta na parede do desfiladeiro.

— Aqui estou eu! - disse ele, solenemente. — Sou o feiticeiro da gruta.

— Palavra de honra? - exclamou o alpinista, acabando de se erguer. — É o senhor?

— Ainda duvidas? - perguntou com voz terrível o feiticeiro, dando um passo para ele.

— Não, que ideia! Estou completamente convencido! É então a si que devo este agradável passeio aos rebolões pela montanha a baixo?...

— Sim! - disse o feiticeiro com os olhos a faiscar. — Fiz-te chegar aqui para que soubesses bem quem eu sou. Com que então no teu miserável guia de turismo não vem o meu nome! Não é ainda conhecido em todo o mundo o feiticeiro do Vale das Névoas! O que desencadeia as tempestades de neve e espalha a peste nos rebanhos; o que torna os rios furiosos, e arranca os pinheiros pela raiz! O que faz desprenderem-se do alto da serra os penhascos enormes, que rolam pelas encostas e se abatem, com fragor, no fundo dos vales amedrontados!

— Que horror! - exclamou o alpinista, arrepiado. — Tanta maldade junta já é de mais! E posso saber com que fim é que o senhor feiticeiro da Gruta Negra é assim mau?

— Com que fim? Com que fim... - repetiu o feiticeiro, coçando a cabeça. — Com que fim, não sei.

— Ora francamente! - exclamou o alpinista, pondo as mãos na cintura e começando a rir. — O senhor é espantoso!

— Não te rias! - gritou o feiticeiro, perdendo a cabeça. — Não te rias! Não contente de trazeres um livro criminoso que conta como é a montanha e não fala a meu respeito, ainda estás a troçar de mim? Mas isto acaba mal! Vais pagá-las todas! - e o feiticeiro agarrou o alpinista pela borda do gorro. Mas ficou com o gorro na mão, e o alpinista continuou sentado no chão, a rir alegremente. Então o feiticeiro irritou-se mais, pegou-lhe por um braço, arrastou-o até à gruta e atirou-o para um canto. Era tanta a raiva do feiticeiro, que em toda a montanha os trovões repetiam o eco dos seus

brados.

Então, como sempre que a sua fúria não podia crescer mais, o feiticeiro mergulhou na gruta e sumiu-se, aos gritos, pelos corredores fundos que iam perder-se no interior da terra; e toda a montanha estremeceu, e os grandes penhascos rolaram pelas encostas.

O alpinista ficou só à entrada da gruta; podia sair dela, se quisesse. Mas donde não podia sair era do vale, tão alto, tão fundo, tão escarpado... E ele sem cordas e sem pau ferrado, como poderia, como? De qualquer maneira, estava prisioneiro do feiticeiro do Vale das Névoas. Estava mesmo.

Deitou-se à entrada da gruta, e pôs-se a pensar na vida; no céu azul, nas montanhas, nos grandes horizontes, nos bosques e nas neves. Depois pensou também na pastora das tranças loiras, e suspirou. Nunca mais veria nada disso. Ia morrer de fome naquele vale apertado.

Entretanto, a manhã do dia seguinte ia rompendo. Já não nevava e o céu estava tranquilo. A pastora tinha chorado toda a noite. Havia sol, é verdade. Mas no Vale das Névoas nunca entrava o sol; e o pobre alpinista lá estava, abandonado e enregelado, esperando a morte pela fome, se o feiticeiro não o tivesse matado já...

E então a pastora teve uma ideia: chamou as suas cabrinhas e escolheu a mais gorda, a mais bonita; pôs-lhe ao pescoço uma nova grinalda de rosas silvestres, e disse-lhe, com ternura:

— Vai, minha cabrinha, vai onde está o senhor que se pendura nas montanhas, vai!

Entre as rosas silvestres prendeu um bilhete, que dizia: "Mata-me e come-me." E a cabrinha lá foi, a cumprir o mandado da sua dona.

Onde os pastores não chegam com os seus sapatos ferrados e desajeitados, e a sua alta estatura que os faz desequilibrar, chegam aqueles animaizinhos vivos e alegres, de pés delicados, acabados quase sem bico, tão leves, tão pequenos, tão destros, que todos os caminhos lhes servem, ainda os mais ásperos. E a cabrinha, de penhasco em penhasco, chegou ao triste Vale das Névoas, onde o alpinista, sentado ao pé da gruta, começava a sentir as primeiras vertigens da fome. Chegou balindo alegremente, com o pescoço cercado de rosas silvestres e as longas barbichas ondulando ao vento.

E o alpinista compreendeu, pela coleira de rosas, donde lhe vinha o auxílio inesperado. E enterneceu-se com a dedicação da pastora, que se privava, por ele, da melhor cabra do seu redil. Mas não teve coragem de matar a alegre cabrinha. Limitou-se a muni-la e a beber, na mão em concha, o seu leite espesso e quente. Ao menos não morreria de fome.

Passaram-se assim uns dias: o alpinista pensava na pastora, que não a tornaria a ver. A pastora pensava no alpinista, perdido no fundo do vale. E ao fim desses dias a pastora calculou que, com certeza, o alpinista já tinha comido a cabrinha toda e pôs nova coroa de rosas e novo bilhete ao pescoço de outra cabrinha, e mandou-a seguir o mesmo caminho. E o alpinista, pensando na pastora, não teve coragem de matar o animalzinho: muniu-o, soltou-o no vale e lá foi ficando, à entrada da gruta, triste e só, a olhar a névoa que cobria as coisas.

Uma por uma, todas as cabrinhas da pastora, enfeitadas de rosas, foram descendo o despenhadeiro e chegaram ao Vale das Névoas. Uma por uma, o alpinista foi-as soltando; e bebia-lhes o leite, e deixava-as pastar, e vigiava-lhes o sono, guardando-as de algum lobo que aparecesse. E foi assim que, por amor da pastora, o alpinista se fez pastor. De quando em quando, o feiticeiro da gruta vinha espreitar à entrada, e via-o magro, com os cabelos encaracolados já a tocarem os ombros, com as mãos cruzadas nos joelhos e os olhos perdidos no céu que mal se des-cortinava. E então o feiticeiro tinha pena, e pensava em libertá-lo: devia ter fome, alimentado só com o leite das cabrinhas; devia estar triste, privado de toda a companhia ... Mas o feiticeiro tinha embirrado que não o soltava, e não soltava mesmo! Então recolhia à gruta, e os seus brados ressoavam em trovões pela montanha.

Quando a última cabrinha saiu do redil, a pastora sentiu o coração apertado. E agora? O que havia de mandar ao alpinista? Não podia deixá-lo morrer à fome... Ah! Se ela fosse capaz de o salvar!... Então, os seus olhos caíram sobre o pau ferrado e a mochila, abandonados a um canto da cabana. Se ela fosse capaz... E a pastora não hesitou mais: pôs a mochila aos ombros, agarrou no pau e saiu da sua choupana. E foi assim que, por amor do viajante, a pastora se tornou alpinista.

Não se podem descrever os trabalhos que a pastora passou, de rocha em rocha, atando o pau às agulhas das pedras, e deixando-se escorregar ao longo delas, rasgando as mãos nas arestas cortantes e sentindo a terra fugir-lhe sob os pés... Mas chegou ao Vale das Névoas, chegou!

O alpinista, enfraquecido e cansado, tinha acabado de adormecer na erva, com a cabeça deitada nos braços, as cabrinhas, em liberdade, retoicavam por ali.

A pastora correu, com as tranças soltas, as mãos e os pés escorrendo sangue, para o alpinista adormecido:

— Acorde! Acorde!

Que alegria a dos dois, quando se viram juntos! Que alegria a das cabrinhas quando encontraram a sua dona! Que alegria a do feiticeiro quando, sob os seus olhos enternecidos, a pastora e o alpinista se sentaram, a contar um ao outro o que tinham sofrido! Que alegria a da montanha, quando o feiticeiro sorriu, esquecido de que era mau!...

Mas de repente o feiticeiro lembrou-se e apareceu entre os dois, com as suas barbas negras e os seus olhos fuzilantes.

— Não penses que vais sair daqui, endiabrado alpinista! Julgas que esqueci as ofensas passadas? Julgas que esqueci que o teu livro nem sequer traz o meu nome? És meu prisioneiro, não tentes fugir!

Foi então que o alpinista teve uma ideia: pegou na sua caneta de tinta permanente, abriu o livrinho, e escreveu por cima das palavras "Montanha de Neve Eterna": "Feiticeiro do Vale das Névoas, também chamado da Gruta Negra, Feiticeiro terrível, que desencadeia as tempestades, dizima os rebanhos e prende na sua gruta os alpinistas atrevidos." Depois estendeu o livro ao feiticeiro. E quando ele leu aquelas palavras, foi tanta a sua vaidade que um grande sorriso lhe iluminou as barbas negras;

e o Vale das Névoas iluminou-se de um largo raio

— Agora - disse o alpinista -, vou levar este livro à cidade, para que todos o leiam e saibam bem quem tu és! Deixas-me sair, não é verdade? Vou em teu serviço.

— Vá lá? - gritou o feiticeiro.

E o alpinista e a pastora, tocaram o seu rebanho, saíram do Vale das Névoas, por um caminho largo e fácil, que de repente se abriu.

Só voltaram na Primavera, já casados, para a choupana da pastora. E agora ainda lá vivem.

Todos os anos, pela Primavera, o feiticeiro se esquece de que é mau e vai espreitar o prado muito verde, onde a pastora fia na roca, o alpinista toca flauta e as cabrinhas retoçam, com grinaldas de rosas silvestres.

Nessas alturas o feiticeiro sorri; e um grande raio de sol ilumina toda a serra.

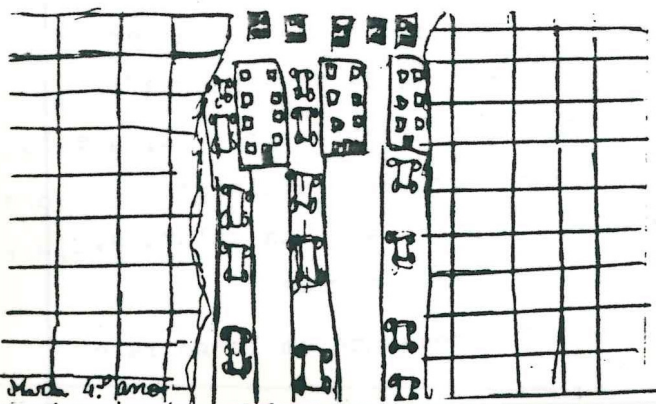
ESTHER DE LEMOS

() que vai pelo mundo

A UNIFICAÇÃO DA ALEMANHA

Há muitos anos a Alemanha era uma só nação. Depois foi governada por um homem que não respeitava as leis. Com a sua ambição de conquistar o mundo, fez uma guerra mundial. Como foi vencido, a Alemanha foi dividida pelas nações vencedoras, ficando a chamar-se Alemanha Ocidental e RDA. Como os alemães do Leste não tinham liberdade fugiam para o Ocidente. Foi nessa ocasião que o governo do Leste fez o muro. Com a liberdade do Leste destruiu-se o muro, ficando outra vez uma Alemanha só.

Saula Lopes



Muro 4º ano

A GUERRA DO GOLFO

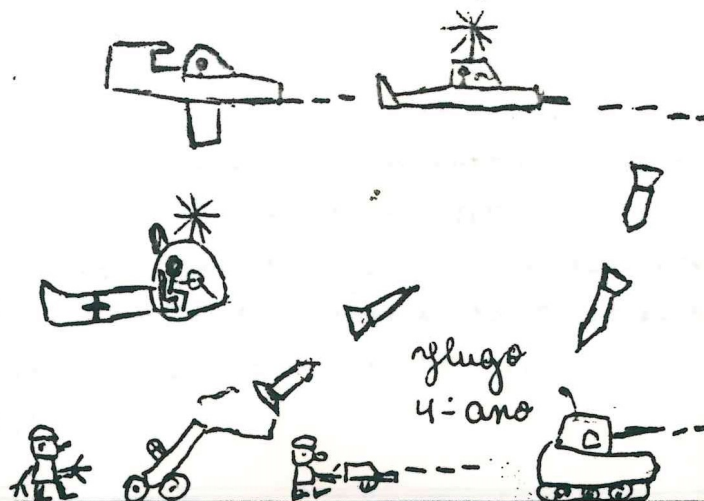
O Leste do mundo estava em paz. O presidente do Iraque, com muitas tropas, invadiu o Kuwait.

Quase todas as nações reprovaram a invasão e enviaram tropas para defenderem o Kuwait.

Saber que o Iraque, quer usar o bomba química, no caso de haver guerra. Todas as nações do mundo procuram convencer o Iraque a sair do Kuwait para não haver guerra.

Ainda não chegaram a nenhum acordo, mas a ONU marca prazo até 15 de janeiro.

Saula Lopes



A Nossa Igreja

Há pouco tempo fomos visitar a nossa igreja.

Deus pudemos verificar que no exterior havia umas e heras a trepar pela parede. As heras, ao trepar, engrossam e fazem buracos.

Apesar disso tudo a igreja, por fora, tem muita beleza.

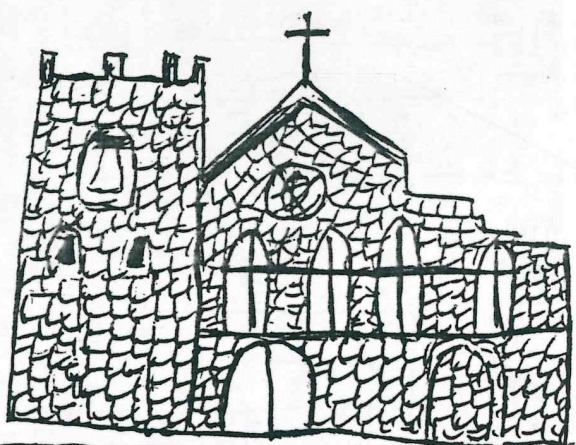
Do interior reparámos que estava a cair aos bocados, as paredes tinham muita humidade, porque chove muito lá dentro.

As pessoas que vão à missa sentem-se mal, porque está muito frio.

Segundo dizem os jornais, a igreja de Lilar de Brades precisa de obras e o telhado tem de ser reparado.

Deus dizem cair a igreja porque ela é um belo Monumento Nacional.

Nome



Leonor B. 4º ano

Recreio adivinhas

11

1ª Adivinha, Adivinhão:

O que te é a ti
a sogra da mulher
da teu irmão?

2ª Tem folhas sem ver árvore
e copa sem fruto ter.
E, sem falar, dá lições
a quem o quiser entender.

NOTA: Ver soluções na página 3

Rute e Francisco - 2º ano de esc.

para rir

Numa estação:

- Por favor a que horas parte o comboio das nove menos dez?
- As oito e cinquenta.
- Bem dizia o meu pai que os horários andam sempre a mudar!...

Numa loja

- Ó senhor, se este cobertor é da lá então porque é que a etiqueta diz algodão?
- É para enganar as traças...

A mãe para o filho:

- Ó gozozinho, então tu pizeste um risco no carro do papá?
- Não faz mal, mamã. Eu ouvi dizer que o pai tem seguro contra todos os riscos!...

Júlia e Helder 2º ano de esc.

Acidente na Escola



Leonel - 13 anos - 4º ano

No dia nove de Outubro o Fernando teve um acidente de bicicleta.

Não obedecendo às recomendações dos professores andou de bicicleta na escola velha.

Ele estava a andar, a bicicleta resvalou, bateu com o braço num banco de pedra e partiu-o.

Chamaram uma ambulância e levaram-no para o hospital de Barcelos. Lá não havia ortopedista e foi para o hospital de Braga.

Em Braga fizeram-lhe gesso.

Vai ter de andar com o braço ao peito muito tempo e não pode escrever.

Marco - 10 anos - 4º ano

O Nosso Clube

O Granja nasceu em 1960. Foi criado por um grupo de empregados da Casa de Saúde de S. José. Em Vilar de Frades foram realizados torneios e jogos populares de futebol, até ao ano de 1972.

A partir dessa data foi inscrito na Associação de Futebol de Braga.

Na sua carreira já militou na primeira divisão distrital e neste momento está a disputar o campeonato da terceira divisão da Associação de Futebol de Braga.

Ocupa o terceiro lugar da classificação.

O melhor marcador chama-se Camilo.

Rita Regas - 4º ano

